



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

Eixo temático: Serviço Social e Relações de exploração-opressão de sexo-gênero-sexualidades, raça-etnia e geração

PROSTITUIÇÃO FRENTE AOS DETERMINANTES SOCIAIS ENTRE DESIGUALDADES E INVISIBILIDADES

Livia Carvalho Pauzer¹

Ana Paula Moreira²

Resumo: O artigo propõe uma reflexão crítica sobre a prostituição, analisando-a como expressão dos determinantes sociais da saúde que acentuam a vulnerabilidade de quem exerce essa atividade. Considerando-a como forma de trabalho, discute-se a ausência de regulamentação, a marginalização social e os fatores estruturais que levam muitas mulheres à prostituição como forma de sobrevivência.

Palavras-chave: prostituição; determinantes sociais da saúde; vulnerabilidade; marginalização.

Abstract: This article proposes a critical reflection on prostitution, analyzing it as an expression of the social determinants of health that accentuate the vulnerability of those who engage in this activity. Considering it as a form of work, the article discusses the lack of regulation, social marginalization, and structural factors that lead many women to prostitution as a means of survival.

Keywords: prostitution; social determinants of health; vulnerability; marginalization.

Resumen: Este artículo propone una reflexión crítica sobre la prostitución, analizándola como expresión de los determinantes sociales de la salud que exacerban la vulnerabilidad de quienes la ejercen. Al considerarla una forma de trabajo, el artículo analiza la falta de regulación, la marginación social y los factores estructurales que llevan a muchas mujeres a la prostitución como medio de supervivencia.

Palabras-clave: prostitución; determinantes sociales de la salud; vulnerabilidad; marginación.

¹ pauzerlivia@gmail.com. Universidade Estadual de Ponta Grossa.

² aluapm@gmail.com. Universidade Estadual de Ponta Grossa.



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

1. INTRODUÇÃO

A prostituição, compreendida como a troca de serviços sexuais por remuneração, é um fenômeno social milenar, atravessado por diversos significados conforme o contexto histórico e cultural. No que se diz respeito aos dias atuais do século XXI, a prostituição moderna é marcada por estigmas, marginalização e ausência de direitos trabalhistas. Atualmente, embora a prostituição seja ocupação lícita, todas as atividades relacionadas a ela são criminalizadas, ou seja, há permissão para venda do próprio corpo desde que não envolva terceiros, como cafetões³, bordéis, etc.

A partir de revisão bibliográfica, este artigo busca refletir sobre a prostituição a partir dos determinantes sociais da saúde, ou seja, analisando como fatores estruturais que estão além da ausência de doenças contribuem para a inserção de mulheres nesse contexto. O objetivo é evidenciar que, longe de ser uma escolha livre, a prostituição representa, para muitas, a única alternativa diante das expressões da questão social.

O artigo está estruturado em dois eixos, além desta introdução, abordando as amplas expressões que envolvem a prostituição, com o resgate histórico da prostituição, bem como se permeia sua consolidação nos dias atuais na vida das profissionais do sexo⁴ no Brasil e, na sequência, sua relação com os determinantes sociais que integram um sistema que leva essas mulheres à prostituição, expondo-as a um sistema que converge em sua marginalização, invisibilização e alvo de inúmeras formas de violência.

2. PROSTITUIÇÃO: UM FENÔMENO QUE ENGLOBA EXPRESSÕES HETEROGÊNEAS

A prostituição acompanha as transformações da sociedade civil, assumindo diferentes significados e funções em diferentes espaços de tempo. A autora Pacheco (2015), apresenta a prostituição na antiguidade, associada à imagem sagrada na sociedade egípcia, e como uma posição elevada da Grécia Antiga. Com a chegada do Cristianismo ao passar

³ O cafetão é aquele que exerce um poder de exploração sobre o trabalhador do sexo, apropriando-se de parte dos lucros do trabalho alheio, legitimado pela relação de dominação que se instala. Bourdieu (1999, p. 127).

⁴ No ano de 2015, o Ministério do Trabalho incluiu na Classificação Brasileira de Ocupações — CBO o verbete número 5198 e 5198-05 - Profissionais do sexo, Profissional do Sexo (sinônimo) e Trabalhador do sexo (sinônimo). Câmara dos Deputados (Indicação nº 2.371, de 2016).



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

dos anos, os valores morais se tornaram moldantes dos pensamentos e valores, onde a prostituição passou a ser tratada como imoral e consequentemente marginalizada pelas estruturas jurídicas e sociais.

No século XIX, com a alta urbanização e industrialização, a prostituição se intensificou diante da escassez de trabalhos e da pobreza, passando a ser relacionada a doenças e com forte repressão policial, tornando-se objeto de regulação médica e jurídica. Segundo Rago (2014), representava não apenas uma atividade marginalizada, mas uma ameaça à ordem burguesa, pois "encarnava, para os homens da ordem, a desordem sexual e social, o perigo da mulher livre, indisciplinada, rebelde às normas familiares e sociais".

A preocupação moral e sanitária perdurou durante os séculos, centralizava o interesse daqueles que consumiam seus serviços (homens brancos), e não das profissionais do sexo em si. O que, desde suas origens, perpetuou um cenário que precariza o reconhecimento da prostituição como trabalho. Ainda que, como apresenta a autora Rodrigues (2009) afirma que, a partir da segunda metade do século XX, tenham surgido movimentos de prostitutas reivindicando dignidade, cidadania e direitos trabalhistas, até os dias atuais, ainda carece de regulamentação e reconhecimentos específicos da atividade.

É importante ressaltar que, em território brasileiro, a prostituição é segmentada por nichos que revelam desigualdades internas no exercício da atividade, da prostituição de baixo padrão em ruas e bordéis clandestinos, por exemplo, às de alto padrão em eventos da elite. Soares et al. (2022) vão destacar essa segmentação como um reflexo das desigualdades significativas, não apenas no mercado de trabalho informal, mas também no acesso a direitos básicos e proteção social, que não conseguem alcançá-la em sua totalidade.

Além disso, no que se refere à prostituição no Brasil, é necessário discutir suas segmentações internas. Essa disposição de universos se bifurca e se entrelaça no que se dispõe a territórios de atuação, condições socioeconômicas, escolaridade, perfil de clientes e nomeações. Soares et al. (2022) abordam em seu estudo nichos de "baixo padrão" e "alto padrão" de prostituição no Brasil. Abaixo, o quadro 1 demonstra a organização desses padrões através da revisão de seis estudos organizados por estas autoras.

Quadro 1: Nichos da prostituição no Brasil

Categoria	Baixo Padrão	Alto Padrão
-----------	--------------	-------------



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

Território	Ruas, praças, rodoviárias, regiões periféricas, bordéis.	Hotéis, casas de luxo, eventos fechados, plataformas digitais
Condições socioeconômicas	Classe baixa, vulnerabilidade econômica	Classe média/alta, maior estabilidade financeira
Escolaridade	Inexistente ou ensino fundamental incompleto	2º grau ou superior completo/incompleto
Perfil de clientes	Trabalhadores locais, público de baixa renda	Empresários, turistas, profissionais de alto padrão
Nomeações	“vadia”, “meretriz”, “garota de programa”	“sugar baby”, “dama de companhia”, “acompanhante de luxo” “mulheres do job”

Fonte: Ceccarelli (2008); Braun (2025); Júnior e Barbosa (2023); Lopes (2021); Silva e Peres (2016); Soares *et al.* (2021); Klein (2021)

Organização: Das autoras.

Essa divergência de universos perpetua as expressões heterogêneas internas a prostituição, enquanto há profissionais do sexo que (ainda que estejam expostas a precarização) trabalham em condições melhores e de menos exposição, outras trabalham em situações de maior risco e exposição durante a atividade.

Sob a ótica de uma sociedade que marginaliza e estigmatiza as profissionais do sexo, essas expressões heterogêneas internas à prostituição podem surgir diante da intenção de driblar esses preconceitos. Junior e Barbosa (2023) trazem essa dinâmica como um “empreendedorismo de si”, na qual a mulher passa a administrar seu corpo, sua imagem e seus afetos como se fossem uma empresa, a fim de desviar estigmas, recorrendo a dinâmicas como novos territórios de atuação (como plataformas para divulgar fotos e vídeos) e novas nomeações, como o termo “do job” utilizado nos dias atuais pelas próprias profissionais, não se limitando a estes.

3. PROSTITUIÇÃO E SUA RELAÇÃO COM OS DETERMINANTES SOCIAIS

Embora existam casos em que a prostituição é resultado de uma decisão individual, é necessário compreender que, para a maioria das mulheres, a inserção na atividade surge como um reflexo da precarização das condições de vida. Corrêa e Holanda (2012) apresentam a baixa escolaridade, a ausência de oportunidades formais de trabalho e sobrecarga com responsabilidades familiares como fatores que empurram mulheres para essa realidade, fatores estes que integram os determinantes sociais. Para este estudo,



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

recorremos à compreensão dos determinantes sociais da saúde⁵, como um parâmetro para basilar as condições e estruturas que implicam na ação de recorrer à prostituição como estratégia de inserção ao mercado de trabalho e renda ou ainda, na maioria dos casos, como condição de subsistência.

A prostituição, neste contexto, aparece como expressão da desigualdade social, sendo muitas vezes a última alternativa para garantir a subsistência dessas mulheres e suas famílias. Ao analisarmos sob a ótica dos determinantes sociais da saúde, que estão além da ausência de doenças para uma vida digna, conforme supracitado por Corrêa e Holanda (2012), compreendemos que a prostituição está inserida em um conjunto de fatores estruturais, como classe, gênero, etnia, acesso à educação, saneamento e moradia, que influenciam diretamente a qualidade de vida dessas mulheres.

É necessário vislumbrarmos esses fatores além de uma causa isolada, mas como fatores que compõem um sistema de exclusão que dificulta o acesso a políticas públicas e reforça desigualdades. O que nos obriga a enxergar a prostituição fora da ótica de ser apenas uma escolha individual, mas como consequência de contextos de invisibilidade, ausência de proteção social do Estado e marginalização social.

Apesar de alguns avanços, como o reconhecimento como ocupação na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), a profissão não possui regulamentação específica, o que impede o acesso à previdência social, à segurança do trabalho e a direitos fundamentais, precarizando o contexto laboral e acentuando a vulnerabilidade social dessas mulheres. A ausência de regulamentação da prostituição no Brasil agrava a exposição dessas mulheres a situações de precarização e risco, como aponta Soares et al. (2022):

Sem uma abordagem que contemple as diferentes realidades dessa profissão, a exclusão das profissionais do sexo de políticas públicas como a PNSST continuará a fragilizar esse grupo, dificultando o acesso a direitos fundamentais e a uma proteção social efetiva. Soares *et al.* (2022)

Além da violência institucional enquanto falta de regulamentação e políticas de atendimento às profissionais do sexo, elas estão diariamente expostas a violência simbólica, psicológica e física. Segundo uma pesquisa realizada pelas autoras Moreira e Monteiro (2012), os relatos das entrevistadas destacam a prostituição como um campo onde a

⁵ Segundo a Comissão Nacional Sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) referem-se a fatores sociais, econômicos, culturais e ambientais que influenciam as condições de vida, trabalho e saúde da população (CNDSS, 2008).



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

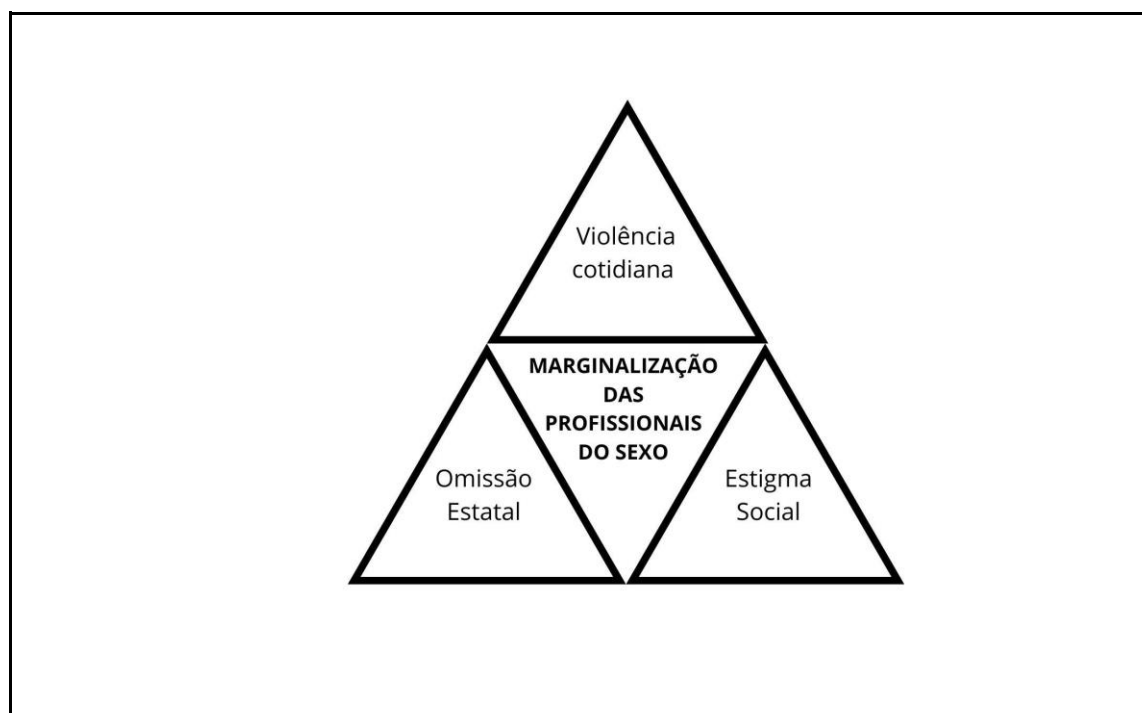
violência se expressa de múltiplas formas: desde agressões físicas até abusos emocionais e violações sexuais.

A partir da análise documental de estudos e autores que abordam a prostituição e as expressões da questão social, foi possível se aproximar de fatores que integram um sistema que “empurram” essas mulheres à prostituição.

Os dados e interpretações revelam que a prostituição, embora legalizada em sua prática individual, permanece desprotegida pelas políticas públicas, sendo atravessada por estigmas, exclusões e violências diversas. Apesar de suas exceções, a prostituição se torna uma estratégia forçada de sobrevivência diante da ausência de alternativas dignas no mercado formal de trabalho.

Buscando apresentar os resultados de uma maneira clara e concisa, abaixo está a formulação de uma tríade do processo de inserção na prostituição, construída a partir da articulação entre os autores analisados e a leitura crítica desenvolvida ao longo da pesquisa.

Quadro 2: Tríade da Prostituição



Fonte: Moreira e Monteiro (2012); Rodrigues (2009); Soares et al. (2022)

Organização: Das próprias autoras.



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

Essa tríade revela três dimensões fundamentais da análise. Diante das desigualdades impostas pelos determinantes sociais da saúde⁶, muitas mulheres encontram a prostituição como uma última alternativa. No entanto, após a inserção na atividade, deparam-se com novos fatores que possivelmente irão acentuar sua vulnerabilidade, como a ausência de regulamentação, que expõe essas trabalhadoras à precarização e a riscos constantes.

Além disso, a violência que enfrentam, seja ela estatal, simbólica ou outras, está enraizada nos mesmos determinantes que as empurraram para essa realidade. Assim, se encontram em um ciclo de reprodução da exclusão e desigualdade social do qual a prostituição, inicialmente vista como saída, passa a ser mais um fator de permanência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como objetivo apresentar a prostituição a partir dos determinantes sociais, como uma resposta às expressões da questão social. É importante destacar que, em sua totalidade, a prostituição possui diversos fatores que a compõem e a permitem ser compreendida como uma expressão das contradições estruturais que atravessam a sociedade brasileira: desigualdade, patriarcado, exclusão de classe e precarização do trabalho.

A superação dos resultados apresentados exige reconhecê-la enquanto realidade concreta de milhares de mulheres que merecem ter seus direitos garantidos. Entretanto, está além do amparo às profissionais do sexo, além de uma demanda por dignidade, segurança e reconhecimento no que se trata de regulamentação. Exige e implica um processo extenso de tratar as causas, fatores que integram o sistema de inserção dessas mulheres na prostituição como última alternativa

É imprescindível a proposta de políticas que atendam de maneira preventiva a inserção dessas mulheres na prostituição, políticas de qualificação profissional, formação escolar, sistemas de apoio às responsabilidades familiares, etc. Políticas públicas específicas que sejam construídas a partir da escuta e da experiência dessas mulheres, respeitando sua autonomia e promovendo acesso pleno aos direitos sociais.

⁶ Categoria adotada nesta análise por permitir compreender como fatores estruturais (pobreza, baixa escolaridade, exclusão social, acesso precário a serviços públicos, etc.) influenciam diretamente o processo de entrada e permanência de mulheres na prostituição.



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

Romper com o ciclo de marginalização e hipocrisia que marca o debate público sobre a prostituição é uma urgência histórica. A luta das profissionais do sexo por regulamentação, dignidade e reconhecimento não se restringe a uma pauta trabalhista, trata-se, sobretudo, de uma questão de justiça social.

Ocorre que, além dos fatores que integram um sistema que leva essas mulheres à prostituição, a análise permite propor uma reflexão crítica, e inclusive como proposta de futuros estudos: a heterogeneidade da prostituição é um obstáculo para a regulamentação ou a heterogeneidade é um reflexo da ausência de regulamentação?

Por fim, reconhecer essas mulheres como sujeitas de direitos é enfrentar, de forma concreta, as contradições estruturais que sustentam a desigualdade no país e construir caminhos mais justos e inclusivos para todas.

5. REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAUN, Julia. **Mulheres do job: profissionais do sexo trocam dicas e oferecem mentoria a iniciantes no TikTok**. BBC News Brasil, Londres, 14 abr. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cdjl3gel2nxo.amp>[(<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cdjl3gel2nxo.amp>)] Acesso em: 14 jul. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Indicação nº 2.371, de 2016**. Sugere e requer a retirada da descrição da ocupação de profissional do sexo na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO. 2016. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1476331&filename=INC%202371/2016#:~:text=No%20ano%20de%202015%2C%20o,Trabalhador%20do%20sexo%20\(sin%C3%B4nimo\)](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1476331&filename=INC%202371/2016#:~:text=No%20ano%20de%202015%2C%20o,Trabalhador%20do%20sexo%20(sin%C3%B4nimo)). Acesso em: 13 jul. 2025

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Prostituição – o corpo como mercadoria**. Mente & Cérebro – Sexo, São Paulo, v. 4, edição especial, dez. 2008.

CORREIA, S.; HOLANDA, A. Prostituição: perspectivas feministas. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012. p. 187–196.

JÚNIOR, Jorge Leite; BARBOSA, Bruno Henrique Benichio Alves. **As sugar babies são empresas e os sugar daddies são investidores-anjo: considerações sobre a racionalidade neoliberal em relações afetivo-sexuais**. Plural, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 76–96, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/plural/article/view/205473/195106>. Acesso em: 13 jul. 2025.

KLEIN, Bethânia de Cássia Gay. **Prostituição no Brasil Contemporâneo: aquiescência social e desafios inerentes à regulamentação da atividade**. 2021. Monografia



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

(Graduação em Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/direito/prostituicao-no-brasil-contemporaneo-aquiescencia-social-e-desafios-inerentes-a-regulamentacao-da-atividade.htm>. Acesso em: 14 jul. 2025.

LOPES, Natânia. **Sentidos e fantasias sobre o “luxo” na prostituição de “alto escalão” carioca**. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 477–505, jul./dez. 2013.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ra/a/5bC3QTWQQLw7GXZh9MvQsCv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 jul. 2025.

MOREIRA, Isabel Cristina Cavalcante Carvalho; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. **A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 20, n. 5, p. 7 set./out. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/FcYHnchzYBKGJHd7JPpHpRS/?lang=pt>. Acesso em: 13 jul. 2025.

PACHECO, Suiara Haase. **A regulamentação da prostituição e o combate à marginalização dos trabalhadores do sexo**. Revista da Faculdade de Direito da FMP, Porto Alegre, v. 10, p. 136–154, ago. 2015.

RAGO, M. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. **A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer**. Revista Katálysis, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 68–76, jun. 2009.

SILVA, Luciana Codognoto da; PERES, William Siqueira. **Cartografias de mulheres na prostituição: territórios, heterotopias e suas interfaces com a Psicologia**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

SOARES, Sarah Raquel Dias; SANTOS, Saulo Nunes dos; PIMENTEL, André Luiz Duarte; SILVA NETO, Orígenes Rosendo da. **O reconhecimento da prostituição como trabalho autônomo**. Revista Científica da Faculdade Santa Cecília, UNIFASC, v. 3, n. 1, p. 84–95, 2022.